



## VIOLÊNCIA

# Governo e Caiado não se entendem sobre PEC

Ministro Ricardo Lewandowski, da Justiça, considera que proposta à Constituição para segurança pública segue rumo à convergência. Governador de Goiás, porém, não endossa texto e afirma que apresentará alternativa

» VANILSON OLIVEIRA  
» FABIO GRECCHI

O ministro da Justiça Ricardo Lewandowski afirmou, ontem, na 16ª Reunião do Fórum Nacional de Governadores, que a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) sobre segurança pública caminha para um consenso. Isso contrasta com a posição do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, que anunciou a apresentação de um texto alternativo ao do governo federal — considera o do Executivo um “retrocesso”, que tem por objetivo criar uma “relação de subordinação” de estados e municípios ao Palácio do Planalto. Ele afirmou, ainda, que trabalhará no Congresso para derrubar a PEC elaborada pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Porém, para Lewandowski, “existe, hoje, uma ampla concordância de que precisamos revisitar e modernizar a segurança pública, que não é revista de forma estrutural há 36 anos, desde a promulgação da Constituição de 1988. A PEC é uma realidade e reflete a necessidade de unificar ações para enfrentar esse fenômeno que vai além das fronteiras locais”.

Só que Caiado foi na direção oposta à do ministro. E afirmou que não assinará a PEC. “O que o governo pretende é invasão de prerrogativa. É um absurdo que sejamos tutelados pelo ministro da Justiça e pelo governo federal, sendo que assumimos todos os gastos. Temos uma prerrogativa constitucional. É direito meu, como governador, tomar as decisões. Não posso admitir que venha Brasília dizer o que tenho de fazer na polícia. É inadmissível”, disse o governador, à saída do Fórum.

Apesar das críticas, o ministro diminuiu a importância da postura contrária de Caiado. “Há discrepância quanto aos detalhes, mas, do ponto de vista macro, a PEC é uma realidade. Essas ideias estão sendo examinadas com muita verticalidade e

## Flagrante mostra PMs suspeitos de assassinato

Reprodução de vídeo/Redes sociais



Em menos de 15 dias, um novo flagrante de brutalidade da Polícia Militar de São Paulo circula nas redes sociais — porém, desta vez, trata-se de uma suspeita de assassinato. Vinícius Fidelis Santos Brito, de 24 anos, foi morto na noite do domingo passado, em São Vicente, no litoral paulista. No vídeo, Rosemeire Aparecida Fidelis dos Santos, mãe do jovem (à esquerda da foto), implora pela vida do filho. “Vocês mataram meu filho? O que isso? Vocês

vão matar meu filho”, grita ela. Um policial armado (à direita da foto) sai do casebre e manda que ela volte para a casa de onde viera. Na sequência, é possível ouvir os tiros. A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) afirma que Vinícius teria morrido durante “patrulhamento seguido de troca de tiros, com homens que abandonaram uma sacola com drogas durante a perseguição”. Rosemeire afirma que o filho foi executado.

## Oposição até na reforma tributária

O governador Ronaldo Caiado, de Goiás, está em rota de colisão com o governo federal há tempos e intensificou as críticas desde que se colocou como pré-candidato à Presidência da República, em 2026. Tem sido um adversário feroz da reforma tributária apresentada pelo Ministério da Fazenda — “o governo federal legisla sobre aquilo que nós arrecadamos e, simplesmente, manda para o Congresso Nacional como um ‘prato feito’”, disse em agosto passado — e verberado contra a PEC da segurança. Na semana passada, Caiado afirmou que “não havia hipótese” de impor o uso de câmeras corporais aos policiais militares goianos. Ele fez contraponto ao governador Tarcísio Gomes de Freitas, que admitiu que errou ao não obrigar que os PMs paulistas utilizassem o equipamento em função dos seguidos casos de violência das forças de segurança do estado.

poderão ser levadas em conjunto para o Congresso”, garantiu. Um dos pontos centrais da

proposta do governo federal, segundo Lewandowski, é a criação de fundos de segurança pública

e penitenciário com recursos permanentes e protegidos contra contingenciamentos. “Todos os governadores reconheceram a importância de garantir uma base sólida e permanente para financiar a segurança pública e o sistema prisional”, disse. O ministro também ressaltou que a distribuição dessa verba entre unidades das Federação e municípios será discutida e garante a autonomia dos estados e do Distrito Federal.

“Estamos unificando ideias e coordenando ações de forma inédita. Isso é essencial para enfrentar os desafios da segurança pública no Brasil”, salientou Lewandowski.

## Capitã é morta em hospital

A capitã-médica da Marinha Gisele Mendes de Souza Mello, de 55 anos, morreu ontem depois de ser atingida por um tiro na cabeça dentro do Hospital Naval Marcílio Dias, em Lins da Vasconcelos, na zona norte do Rio de Janeiro. Ela foi vítima do confronto entre uma guarnição da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que fazia uma operação nas proximidades do hospital, e criminosos da Comunidade do Gambá.

Além de médica geriatra e capitã de Mar e Guerra, Gisele era superintendente de saúde do hospital. A militar foi socorrida pelos próprios colegas, passou por uma cirurgia, mas não resistiu.

De acordo com as informações da Marinha, Gisele participava de um evento no auditório da Escola de Saúde do hospital naval. A unidade fica no meio das favelas do complexo do Lins. Ainda conforme a Força, durante uma operação da UPP, um projétil de arma de fogo alcançou o interior de um dos prédios e atingiu a militar.

A morte da médica causou indignação. Segundo o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremerj), o Marcílio Dias é referência em atendimentos, da baixa à alta complexidade, e lamentou que “uma unidade tão conceituada tenha sido palco de uma violência tão estarrecedora”.

“O Conselho se solidariza com a médica, a família e os amigos que estão vivendo este momento terrível e pede às autoridades celeridade na apuração dos fatos, responsabilização dos culpados e um plano para evitar efeitos colaterais da violência urbana e de operações policiais realizadas nas proximidades de estabelecimentos de saúde”, frisa nota do Cremerj.

## IMPRENSA

## IA é vista com ressalvas em países da AL, diz pesquisa

» IAGO MAC CORD\*

Em quatro países latino-americanos, a inteligência artificial é vista com desconfiança. É o que mostra o estudo *Democracia: Percepções sobre inteligência artificial e democracia em Argentina, Brasil, Colômbia e México*, cujo resultado mostra que 57% dos entrevistados nesses países acham inaceitável que a ferramenta produza conteúdos jornalísticos.

A pesquisa entrevistou 4.003 pessoas — mil na Colômbia e 1.001 em cada um dos demais países envolvidos na sondagem. Porém, esse nível de desaprovação com o uso da IA para gerar notícias cai consideravelmente quando as pessoas são questionadas sobre a personalização — “o que pode reforçar bolhas de opinião e, como consequência, a polarização”, segundo o levantamento.

De acordo com a pesquisa, 41% dos entrevistados descrevem como inaceitável que conteúdos jornalísticos personalizados para diferentes grupos sejam criados por IA. Já 44% dos entrevistados desaprovam a utilização da ferramenta para que seja definido se os conteúdos on-line são verdadeiros ou falsos, enquanto 39% acham que é aceitável.

Para a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a aplicação da IA no jornalismo deve ser feita com “extrema cautela e sob rigorosa supervisão humana”. “O estudo, que aponta uma rejeição majoritária ao uso de IA para criar notícias sem supervisão, reflete uma preocupação legítima: a preservação da credibilidade e da ética no jornalismo”, enfatiza.

Ainda segundo a Fenaj, “o papel do jornalista, com sua capacidade crítica, é insubstituível”. Para a Federação, conteúdo por IA “sem controle humano pode comprometer a qualidade da informação, aumentar o risco de desinformação e prejudicar a confiança do público na imprensa”.

A Fenaj aponta que a personalização de conteúdos e a classificação do que é verdadeiro ou falso pelas IAs generativas “devem ser encaradas com ressalvas, uma vez que envolvem critérios éticos e editoriais que requerem julgamento humano”.

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi



ALEXANDRE GARCIA

**POR NOSSAS FRONTEIRAS ENTRA UM INIMIGO QUE LEVA A GUERRA PARA DENTRO DE NOSSAS GRANDES CIDADES, COM ARMAS E DROGAS. NOSSAS FORÇAS ARMADAS TÊM CADA VEZ MENOS RECURSOS PARA ADQUIRIR MEIOS DISSUASÓRIOS**

## Defesa e paz

Paulo é filho de um amigo meu, comandante da Latam. No Dia dos Pais de 2019, viveu um fato histórico na cabine de comando do voo Porto Alegre-São Paulo-Brasília-Salvador, ida e volta, pai e filho pilotando. Paulo como co-piloto do pai, homenagem da escala, comemorando, com os passageiros, o dia festivo.

Paulo é um dos muitos pilotos que deixaram a Força Aérea Brasileira (FAB). Ele servia, como capitão aviador, na Base Aérea de Natal, quando pediu para sair, atraído por melhores oportunidades fora do serviço público. Depois dele, outro capitão da mesma turma, piloto de caça, saiu, chamado pela Boeing. Como ele, seis pilotos de caça, formados a custos elevadíssimos. Perderam a motivação e deixaram a FAB, indo para a Latam, segundo se noticiou.

A CNN fez um levantamento e constatou que a evasão é crescente nas três Forças e não apenas com pilotos de caça. Fuzileiros, médicos e engenheiros navais deixaram a Marinha. O Exército teve 346 pedidos de baixa no ano passado e, neste ano, deve ter mais.

Nos últimos 10 anos, Exército e Marinha perderam mais de 5 mil militares altamente preparados, com cursos acadêmicos e especialidades, todos custeados pelo imposto do público. O soldo é pouco e vão em busca de salários compensadores.

Além disso, eles não têm hora extra, não têm adicional noturno, de periculosidade ou de insalubridade. Mais do que isso, juram dar a vida pela defesa da Pátria. Uma atividade que não comporta idoso, mas o governo quer elevar a idade de aposentadoria. Defesa da pátria depende de vocação, motivação e vigor físico — mas muitos se vêem como futuros burocratas e desistem.

Semana passada, realizou-se em

Brasília uma gigantesca mostra da base industrial de defesa. Fui ver e descobri — eu, jornalista — que estava desinformado sobre a pujança de um setor com tecnologia de ponta. Imagine que duas empresas brasileiras estão criando um míssil hipersônico, um deles o Rato 14-X, oito vezes a velocidade do som, como aquele com que Vladimir Putin ameaça a Ucrânia; um radar que cobre todas as 200 milhas do nosso mar territorial, acompanhando a curvatura da terra; outro que não pode ser destruído porque não detectável; radares meteorológicos, equipamento de controle de tráfego aéreo; aviões, no Rio Grande do Sul, que gastam menos combustível num voo Porto Alegre-Brasília que um automóvel; drones e veículos aéreos não-tripulados, armas portáteis que são respeitadas nos Estados Unidos; fuzis que disputam concorrência para abastecer um dos maiores exércitos do mundo; pesquisa nuclear no país

de imensas reservas de urânio e metais pesados; simuladores de submarino, aviões e artilharia; veículos blindados de qualidade mundial; prototipos do céu que podem formar domos sobre estádios ou presídios; além de equipamentos policiais, como blindagens, algemas, visores noturnos; criptografia, detecção e comunicações; uniformes inteligentes que detectam desidratação, desequilíbrios corporais, alta temperatura corporal, liberam assepsia para ferimentos; e equipamentos médicos, que vão de torniquetes a cadeiras de campanha para dentista, como as que o exército dos Estados Unidos comprou — e estou esquecendo de muito mais, inclusive do que está sendo usado para dissuadir Nicolás Maduro a entrar em nosso território se tentar invadir a Guiana.

Tudo isso abastece países para garantir sua soberania e a vida e o patrimônio de seus cidadãos e empresas. Por ironia, o país onde tudo

isso é produzido, com grande avanço tecnológico, carece de meios para adquiri-los para suas próprias forças e dissuadir pressões. E por nossas fronteiras, entra um inimigo que leva a guerra para dentro de nossas grandes cidades, com armas e drogas. Nossas Forças Armadas têm cada vez menos recursos para adquirir meios dissuasórios para que respitem o nosso país e nossas amazônias — a verde e a azul —, assim como nossa fronteira. E além disso perdem militares valiosos.

Perdemos, também, cérebros que vão procurar melhores oportunidades nos EUA. Além disso, o que vale para dissuadir possíveis agressores da pátria, vale também para dissuadir os que pretendam nos assaltar nas ruas, lares e empresas. Com defesa nacional ampla — Forças Armadas e policiais — enfraquecidas, não temos paz que garanta o trabalho que gera progresso e bem-estar.